

**REPRESENTATIVIDADE E LIDERANÇA:
UMA EXPERIÊNCIA COM REPRESENTANTES DE TURMAS NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS NA CIDADE DE NOVA IGUAÇU**

BÁRBARA, Deusa Santa – SEMED NI - < deusa_sb@yahoo.com.br >
SILVA, Edivan Luiz – SEMED NI - <edivanluiz@hotmail.com>

RESUMO:

Alunos da EJA, que já sofreram o processo de exclusão escolar quando não puderam cursar ou concluir os estudos na idade própria, sofrem ainda um cruel processo de invisibilidade em suas salas. O projeto visa empoderar os alunos através do exercício da representatividade e liderança.

PALAVRAS-CHAVES: Representatividade, liderança, Educação de Jovens e Adultos.

No Brasil, historicamente, o processo da hierarquização social resulta do modelo colonialista de relações entre dominadores e dominados. Essa marca profunda na carne da sociedade ainda hoje a caracteriza como excludente, capaz de marginalizar os indivíduos e, ao mesmo tempo, culpá-los por sua própria situação, como se esta fosse para eles desejável.

Considerando a educação como um ato político, de acordo com Paulo Freire, reconhecemos esse saber-poder como mais um elemento da luta de classes no Brasil.

Frutos de sistemas excludentes (social e educacional), os alunos da Educação de Jovens e Adultos são duplamente estigmatizados quando, além de indivíduos das classes populares são afro-descendentes ou indígenas. Desencorajados sobre a sua identidade étnico-racial e marginalizados por sua condição econômica, estes estudantes procuram na escola meios para romper com as barreiras que lhes foram impostas.

Segundo a LDB “ A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (Art.37). O fato de existirem tantos jovens e adultos que necessitam iniciar ou retomar os estudos nos dá algumas pistas sobre o sistema educacional brasileiro. Segundo o IBGE o número de analfabetos com idade igual ou superior a quinze anos no Rio de Janeiro aproxima-se de 700 mil.

Sabemos, porém, que não basta favorecer o acesso à escola. Apesar das incalculáveis contribuições de Paulo Freire para a Educação de modo geral e para a Educação de Jovens e Adultos, esses estudantes sofrem ainda um processo não menos cruel: o da invisibilidade. Quantos de nossos alunos são líderes comunitários e religiosos, participantes ativos da vida na sociedade, parteiras, rezadeiras, representantes legítimos da história de sua comunidade e a despeito disso são silenciados em suas salas de aula?

Nesse sentido é importante que nós, educadores, estejamos sensíveis a esses anseios e atentos aos discursos sobre igualdade social, étnico-racial, de gênero, entre outros. Transformar a escola no espaço democrático que ele já ocupa na teoria não é tarefa de outros senão nossa: alunos, professores, comunidade.

Nessa perspectiva, desenvolvemos este projeto visando empoderar estes indivíduos dentro do espaço escolar a fim de democratizá-lo, garantindo a efetiva participação de todos na construção da escola sonhada.

As turmas escolheram seus representantes através de eleições diretas, cujas regras foram criadas pelos próprios alunos. Encerrado o processo eleitoral, teve início o programa de formação continuada do qual participaram, além dos representantes de turmas, professores, orientadores e gestores. Esses encontros tiveram como objetivo principal a apropriação crítica dos espaços e a democratização das relações do universo escolar na perspectiva da construção da escola pública de qualidade (acesso, permanência e aquisição de conhecimentos), reafirmando-a enquanto espaço de consolidação de cidadania, igualdade de tratamento e oportunidades

Por ser este um projeto pioneiro no município de Nova Iguaçu, sentimos a necessidade de trocarmos experiências sobre protagonismo estudantil, aprofundando a discussão sobre o assunto. Daí a importância participarmos desse espaço privilegiado de discussão, o VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire.

As escolas elegeram seus Representantes de Turmas e foram programados encontros com todos os outros segmentos da escola para discussões sobre o que pode e precisa ser feito para transformar a escola que temos naquela que queremos.

Nessa jornada, ouvimos relatos, trocamos experiências e buscamos construir formas de registro da rotina dos Representantes de Turmas. Esse é ainda só o início de uma longa

caminhada por lugares ainda não desbravados. São as marcas dos pés daqueles que acreditam no sonho é que tem demarcado esse novo caminho.

JOÃO CÂNDIDO, UM HERÓI ESQUECIDO PELA HISTÓRIA

Filho de ex-escravos, vivendo entre escravocratas, disfarçados de humanistas, entrelaçados a mais de 300 anos de escravidão.

Não se limitou ao que a cor de sua pele, historicamente lhe oferecia.

Criado na liberdade do campo, sempre acompanhando seu pai no manejo com o gado.

Conhece e se apaixona, desce cedo, pelos navios da marinha do Brasil.

Após discursão com o soberbo neto do dono da fazenda onde o pai trabalhava, foi recomendado pelo mesmo a fazer parte do corpo da Marinha do Brasil, num momento em que eram recrutados jovens trazidos pela polícia. Desta forma aos 13 anos, em 1895, já faz parte da Marinha do Brasil.

Seu jeito humano e livre de ser, logo os levam a líder e representante dos marujos junto aos oficiais.

Após uma viagem de instrução à Inglaterra, conhece a realidade dos marujos que originaram um levante contra castigos físicos, oferecidos aos marujos e ainda da luta dos russos embarcados no Potemkim, em 1905.

No retorno ao Brasil, depara-se com a dura realidade de baixos soldos e castigos físicos.

Por várias vezes João Cândido, sente em seu próprio corpo o estalar da chibata.

Em 21 de novembro de 1910, presencia o marinheiro Marcelino desfalecer após 250 chibatas no convés do navio Minas Gerais, João Cândido, com seu lenço vermelho amarrado no pescoço, assumi o posto de líder da “Revolta da Chibata”.

Entrincheirados nos navios São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Deodoro, recém adquiridos pelo governo brasileiro, liderados por João Cândido, os marinheiros faziam-se ouvir através dos modernos canhões de suas embarcações.

Bombardeiam a cidade do Rio de Janeiro, ao toque de recolher para dar fim aos castigos e humilhações sofridos na pele pela chibata.

A Revolta da Chibata, liderada por João Cândido, deixa registrada na História, a luta do negro em se fazer ouvir e respeitar. A falsa liberdade oferecida aos negros, os fazia compor um grupo de mão-de-obra, desqualificada, abandonada a própria sorte e obrigada a exercer as piores colocações dentro da sociedade, por muitas vezes sem remuneração.

A Marinha do Brasil, na época, era a foto cópia autenticada da sociedade que um dia diz ter libertado os escravos.

Os marujos eram formados por negros e mulatos e os oficiais por filhos de antigos senhores de escravos. Essa formação repetia a realidade das antigas fazendas. Fazendo a chibata, algo comum e aceitável pela hierarquia da Marinha do Brasil, 22 anos após a abolição da escravatura.

Findada a Revolta, alguns objetivos foram atingidos. Houve melhoria da alimentação oferecida nas embarcações e o fim da chibata. Entretanto os principais líderes da Revolta foram traídos e a maioria dos participantes foram mortos. Dezoito dos principais líderes, entre eles João Cândido, foram presos na Ilha da Cobras.

Antes de serem jogados nas selas, houve uma limpeza com água e cal, mas a alta temperatura comum no mês de dezembro, fez evaporar a água e o cal penetrar

